

FUZILEIROS NAVAIS: PROJEÇÃO DE UM NÓVO BRASIL

DALMO HONAISSER
Capitão-de-Corveta (FN)

"A coincidência histórica entre a criação do Corpo de Fuzileiros Navais e do United States Marines Corp's — 1808-1775 — 14 anos que antecederam a completa emancipação política de seus povos, acrescida das semelhantes condições geopolíticas das duas grandes nações do hemisfério, leva-me a meditar sobre a destinação do Brasil e do seu Corpo de Fuzileiros Navais.

Olho e vejo o grande futuro da minha Pátria, confiante nas amplas perspectivas que nos foram abertas pela Revolução de 31 de Março, e, dentro deste quadro maravilhoso, o Corpo de Fuzileiros Navais plenamente capacitado como um instrumento eficiente de afirmação do Poder Naval, parte integrante do PODER NACIONAL."

ACYR DIAS DE CARVALHO ROCHA
Vice-Almirante

7 — Março — 67
(DIA DO FUZILEIRO)

I — Síntese histórica dos Corpos de Fuzileiros Navais

A história dos Corpos de Fuzileiros Navais, nas várias Fôrças Navais de quase todos os países, é tão intimamente ligada às Marinhas mesmas, que nos parece justo afirmar que — a partir da quinta década do século XVIII — as principais Marinhas de Guerra da época (Grã-Bretanha, Espanha, Portugal, França, etc.) possuíam Corpos de Desembarque com denominações diferentes, mas que, na realidade, constituíam as Fôrças que hoje denominamos de Corpo de Fuzileiros Navais.

No Brasil a origem foi esta: em Lisboa, em 1797, foi criada a Brigada Real da Marinha. Em 1808, a Família Real Portuguesa — fugindo da ocupação de Portugal pelo Exército de Napoleão — chegou ao Rio de Janeiro protegida pelo seu corpo de elite: a Brigada Real da Marinha. Foi essa famosa Brigada que deu origem à formação e ao desenvolvimento do atual Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil.

Para completar nosso resumo, parece-nos oportuno lembrar como "nasceu" o famoso U.S. Marines Corp's. Em novembro de 1775, na

N.R. — Este trabalho é uma tese sobre o C.F.N. Já a defendeu o autor, de forma idêntica, no n.º 181 (de 1965) do Boletim do Clube Naval ("O 31 de Março e a Evolução Militar Brasileira"). E, por isso mesmo, um trabalho polêmico...

Filadélfia, uma Resolução do Congresso criava dois Batalhões de "American Marines". É oportuno, também, anotar que quatro meses depois destes dois Batalhões participaram de um assalto anfíbio nas Ilhas Bahamas.

Observemos que, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil, a criação dos Corpos, que se chamariam mais tarde Fuzileiros Navais, antecederam a completa Independência Nacional. (Nos E.E.UU. de 1775 a 1789 — posse do Presidente Washington; no Brasil — de 1808 a 1822 — proclamação da Independência).

Isso constitui uma coincidência histórica, extremamente interessante, entre as duas maiores nações do Hemisfério Ocidental, tendo em conta que outras "coincidências" encontraremos a seguir.

II — Principais operações anfíbias nas guerras do século XX

Na chamada Primeira Guerra Mundial (1914-18) o emprêgo tático dos C.F.N. de quase tôdas as Marinhas, empenhadas no conflito, foi notável.

Na campanha de Galipoli (Dardanelos) temos um exemplo que os estudiosos da "guerra anfíbia" consideram clássico. Participaram do ataque anfíbio Fôrças Ingêlasas, Australianas e Francesas. Uma importante Fôrça Naval Anglo-Francesa (95 Unidades, das quais 23 pesadas) apoiavam tôdas as operações de desembarque e dos serviços logísticos, num total de 78.000 homens.

As operações lograram êxitos e fracassos e duraram cêrca de 8 meses (maio de 1915 — janeiro de 1916). As principais causas dos insucessos foram:

- 1) Erros de Comando;
- 2) Comunicações e informações confusas;
- 3) Falta de embarcações e veículos anfíbios;
- 4) Falhas no contrôle Mar-Terra;
- 5) Inexperiência geral para adequada organização de um Desembarque de Praia;
- 6) Falhas no contrôle do apoio de fogo naval.

O segundo exemplo da Guerra de 1914-18 foi a captura das Ilhas Bálticas, pela Alemanha, em setembro-outubro de 1917. Depois de vários movimentos táticos, de caráter secundário e diversionista, na noite de 10 de outubro as Fôrças de Desembarque tomam de surpresa as duas Ilhas Moon e Oesel, que controlavam a entrada do Gólfo de Riga.

Embora a reação Russa fôsse imediata e as Fôrças Anfíbias do General Von Kathlen tivessem passado momentos críticos, nos primeiros três dias de encarniçados combates, a Operação Anfíbia "Riga", no dia 18 de outubro, estava terminada com pleno êxito.

A ocupação de Riga representa uma data histórica da máxima ressonância. O desembarque em Riga, das Fôrças Anfíbias de Von Kathlen, provocou uma tal confusão em Moscou que o Governo Kerensky — completamente desmoralizado — não teve capacidade para enfrentar a famosa insurreição de Lenine, líder do Partido Bolchevista (Presidente do Comitê de Emergência) e fundador da chamada Ditadura do Proletariado.

Os dois desembarques citados, da Guerra de 1914-18, demonstram que essas operações anfíbias já apresentavam notáveis possibilidades de êxito, 50 anos atrás. Mas, os acontecimentos memoráveis que se verificaram de 1942 a 1945, demonstram-nos que as operações anfíbias, em geral, e o emprêgo dos Corpos de Fuzileiros Navais, em particular, constituem um elemento indispensável de qualquer Fôrça Naval moderna.

As operações, em 1942, nas Ilhas Salomão — Guadalcanal, Tulagi e Gavatu — e, de modo especial, a ocupação das Ilhas Russel pelos Fuzileiros Navais dos EE.UU. — provaram que a doutrina das operações táticas anfíbias demonstrava-se efficientíssima, em qualquer clima e nas mais variadas condições meteorológicas.

Para esclarecer as idéias e os conhecimentos no que concerne à Guerra do Pacífico, de dezembro de 1941 (Pearl-Harbor) até 1945 (rendição do Japão), vamos descrever resumidamente os "feitos memoráveis" dos quais foram protagonistas as Fôrças de Desembarque Anfíbias, em geral, e os Fuzileiros Navais, de modo especial.

7/Dezembro/1941 — Ataque de surpresa do Japão à grande Base Aero-naval de Pearl-Harbor. Distribuição de cerca de 65% de navios e meios aéreos dos EE.UU. situados na Base. Cerca de 3.000 foram os oficiais, marinheiros e fuzileiros navais mortos no conjunto das operações.

8/Dezembro/1941 — Os EE.UU. declaram, solenemente, o estado de guerra contra o Japão. A partir desse momento os EE.UU. mobilizaram ao máximo a produção de todos os meios adequados para enfrentar a guerra total no Pacífico, com prioridade para as embarcações de desembarque e o fortalecimento dos Fuzileiros Navais. (Os F. N., em dezembro de 1941, formavam um total de 70.095; em seguida foram aumentados para um total de 391.620 homens).

A Guerra do Pacífico pode ser dividida em 4 fases:

1ª) DEFENSIVA — Proteção das posições ocupadas e das linhas de comunicações — até agosto de 1942;

2ª) DEFENSIVA-OFENSIVA — Reforçamento das Bases Avançadas e várias iniciativas — de agosto de 1942 a junho de 1943;

3ª) OFENSIVA-DEFENSIVA — Abrangendo o período da tomada geral da iniciativa em todo o Teatro Operacional; mas, tendo a en-

frentar, ainda, perigosos ataques inimigos — de julho de 1943 a março de 1944;

4ª) OFENSIVA FINAL — De abril de 1944 ao fim (agosto de 1945).

É evidente que durante os primeiros oito meses, depois do desastre de Pearl-Harbor, as Fôrças dos EE.UU. foram totalmente empenhadas na reorganização de um sólido sistema defensivo.

A primeira operação nitidamente ofensiva foi realizada em 7-8 de agosto de 1942, no famoso Desembarque em Guadalcanal (Arq das Salomão). Tomaram parte da História Operação Anfíbia: a 1ª Divisão e o 2º Regimento do C.F.N., reforçado pelo 1º Batalhão de Incursão — apoiado pelas Fôrças Navais que compreendiam três Unidades capitais.

Nas primeiras horas de 7 de agosto, os Fuzileiros, surpreendendo o inimigo, ocuparam as praias de Tulagi e Guadalcanal. A resistência japonesa foi muito fraca no início, em virtude da surpresa total; mas, em seguida, os combates foram encarniçados de rara violência.

Na parte da tarde os japoneses desfecharam seguidos ataques aéreos e martelaram com obuses pesados as posições dos Fuzileiros Navais. Mas, os Fuzileiros fizeram frente a todos os contra-ataques e tomaram conta das defesas de Tulagi e progrediram, satisfatoriamente, em Guadalcanal. Nos dias seguintes foi construído o famoso Campo Henderson, para prover Guadalcanal de uma proteção aérea permanente.

A Batalha de Guadalcanal deu lugar a dezenas e dezenas de batalhas navais e terrestres, durante cerca de 75 dias. No "Relatório" do Almirante Ernest J. King (*) está assim descrita a extraordinária série de batalhas entre 7 de agosto e 20 de novembro de 1942:

"Apesar das pesadas perdas que experimentamos, a Batalha de Guadalcanal foi uma vitória decisiva para nós e nossa posição nas ilhas Salomão do Sul não foi mais tão seriamente ameaçada pelos japoneses. Exceto quanto ao chamado "Expresso de Tóquio", que, de tempo em tempo, conseguia desembarcar pequenas quantidades de materiais, suprimentos e reforços, o controle da área marítima e aérea nas Salomão do Sul passou para os Estados Unidos".

As operações anfíbias e de desembarque mais importantes, de toda a Guerra do Pacífico, foram sem dúvida a ocupação das Ilhas Marianas, no verão de 1944. (O Arquipélago das Marianas é constituído de uma enorme cadeia, quase contínua, de ilhas que se estende ao sul do Japão por uma extensão de cerca de 1.350 milhas). Tomaram parte no conjunto operacional 600 navios de todas as classes; 200 aviões com bases terrestres e em modernos navios aeródromos;

(*) Nossa Marinha de Guerra" — Ernest J. King (Tradução autorizada) — Imprensa Naval — Rio, 1947 (pág. 80).

300.000 homens da Marinha e do Exército. O Corpo de Fuzileiros Navais foi o "fator humano" mais decisivo nas inúmeras e encarniçadas batalhas contra os japoneses, decididos a resistir a qualquer preço.

Como exemplo citaremos a operação anfíbia de Saipan, sendo esta ilha, ainda hoje, de grande importância estratégica. Nas primeiras horas de 15 de junho de 1944 os navios de desembarque — fortemente protegidos pelas Forças Navais e Aéreas — desembarcaram, nas praias, as Forças de Assalto da 2ª e da 4ª Divisões de Fuzileiros. Apesar de uma tenaz e desesperada resistência, a Ilha foi completamente ocupada no espaço de três dias. Na fase de consolidação das posições e da liquidação total das forças japonesas, desembarcaram, também, as Forças da 27ª Divisão do Exército.

A ocupação de Saipan (e das vizinhas Guam e Tinian) foram as operações decisivas de neutralização total das Forças japonesas baseadas no vasto arquipélago. A partir desse momento o Japão foi obrigado a retroceder da fase Defensiva-Ofensiva à fase Defensiva Final. Apesar da mais desesperada e heróica resistência, as Forças do Mar, do Ar e da Terra do "Império do Sol Nascente" tiveram no fim de aceitar a rendição incondicional.

III — Estratégia Geral do Atlântico Sul

Se voltarmos as costas ao Canal do Panamá, teremos, na frente, o Continente Sul-Americano totalmente banhado pelas águas oceânicas do Atlântico à esquerda e do Pacífico à direita. Do lado Atlântico temos cerca de 12.000 km de costa e do Pacífico cerca de 8.000 km. A defesa desse imenso perímetro está confiada às Forças Navais de nove países oceânicos Sul-Americanos: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia (Atlântica e Pacífica), Equador, Peru, Uruguai e Venezuela.

Ao examinarmos os dois lados do Continente nota-se uma importantíssima diferença entre os mesmos, no que concerne à Estratégia Geral para a Defesa Naval.

No Atlântico, temos — Colômbia, Venezuela, Brasil, Uruguai e Argentina — todos países com movimento comercial intenso, devido aos necessários "intercâmbios" com o Hemisfério Ocidental — da Patagônia ao Canadá — e, também, o enorme volume de transportes marítimos com a Europa, a Ásia e a África.

No lado do Pacífico — Chile, Peru, Equador e Colômbia — o movimento comercial não chega ao valor de um décimo, comparado aos países Atlânticos.

Fica, desse modo, sucintamente explicado o diferente quadro do Potencial Naval relativo aos países do Atlântico e do Pacífico.

As Forças Navais dos EE.UU. e Inglesas do Pacífico são — na realidade — permanentemente responsáveis por todas as áreas do imenso Oceano. Isto significa que podemos considerar as Forças Navais do Chile, do Peru, do Equador e da Colômbia forças complementares na Estratégia Naval Geral do Pacífico. Ao contrário, as

Fôrças Navais do Brasil, da Venezuela, da Argentina e do Uruguai, têm compromissos e problemas operacionais permanentes no Atlântico Sul, no quadro geral da Estratégia Atlântica do Ocidente.

Temos, porém, outros e mais importantes problemas, no que se refere ao Atlântico, para a Defesa Naval. Analisemos, pois, as suas diferentes áreas costeiras:

— A Venezuela e a Colômbia Atlântica pertencem à Zona Estratégia Antilhaña. Nessa Zona Naval, os Estados Unidos têm uma potentíssima Frota (IIIª Esquadra), de forma que a Colômbia e a Venezuela têm as próprias Fôrças Navais num "Dispositivo Operacional" muito limitado, pôsto que o seu trabalho normal é o de "guarda-costas".

— Das Guianas (inclusive a independente Guiana Inglesa — integrante do Commwelth), podemos dizer que as eventuais Fôrças Navais que por aí podem operar, pertencem aos países aos quais estão ligados — de acôrdo com as Fôrças Atlânticas em geral.

Passamos, agora, ao Atlântico-Sul: Brasil, Uruguai e Argentina.

A defesa marítima da Argentina e do Uruguai, compreende uma área de mais de 2.500 km de costas — do Rio Grande do Sul até o Cabo Horn. Na realidade, porém, as Fôrças Navais dos dois países platinos têm as Missões Operacionais limitadas à zona marítima que compreende três baías: do Rio da Prata, Baía Branca e Baía de São Matias.

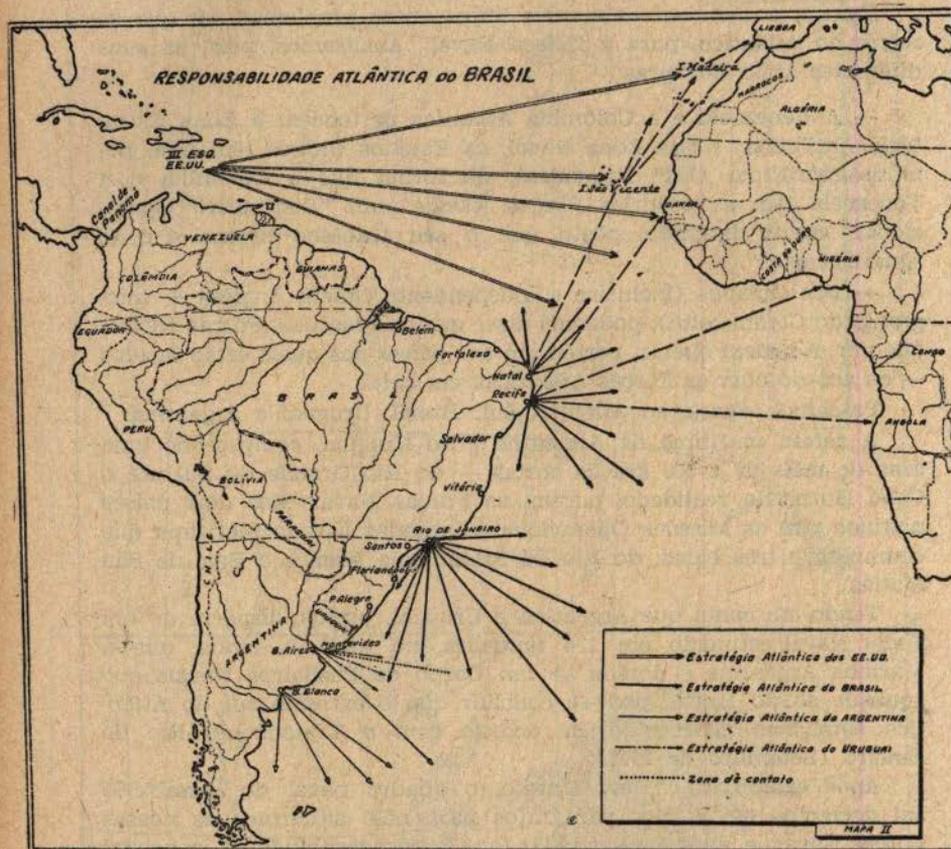
Tendo em conta que Argentina e Uruguai, juntos, dispõem de um Poder Naval estimado em 124 unidades, no total, e, ainda, que a Marinha Argentina é dotada de um Corpo de Fuzileiros Navais que equivale ao do Brasil, pode-se concluir que o extremo sul do Atlântico está bem guarnecido, de acôrdo com o Tratado do Rio de Janeiro (Setembro de 1947).

Após examinarmos, em síntese, o quadro naval do hemisfério sul deixamos os últimos parágrafos para nêle situarmos as nossas Fôrças Navais e, após confrontá-las face às responsabilidades, concluir:

- o Brasil tem uma orla marítima e fluvial quase igual a todo o restante das orlas marítimas de todo o Continente;
- o Brasil tem um desenvolvimento étnico-demográfico-econômico vantajosamente comparável a todos os países Sul-Americanos juntos;
- o Brasil, pela posição geográfica e histórica que lhe é peculiar, não pode deixar de ser a nação líder do mundo Sul-Americano.

Contudo, a Argentina — junto ao Uruguai, e o Chile — junto ao Peru, dispõe de duas Frotas de Defesa superiores (em meios humanos e materiais) à Fôrça Naval do Brasil. Os dados existentes estimam que a Marinha de Guerra do Brasil possui menos de 30% de tôdas as Fôrças Navais Sul-Americanas. Nessa situação, é evidente a necessidade e a urgência de um adequado reforçamento qualitativo e quan-

tativo da Marinha de Guerra do Brasil em todos os seus componentes operacionais, logísticos e administrativos, tornando-a apta à consecução da sua missão.



IV — Reorganização do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil

“Todo país forma as suas forças armadas na base de hipóteses de guerra, na conjuntura nacional e internacional, e na sua geografia.”

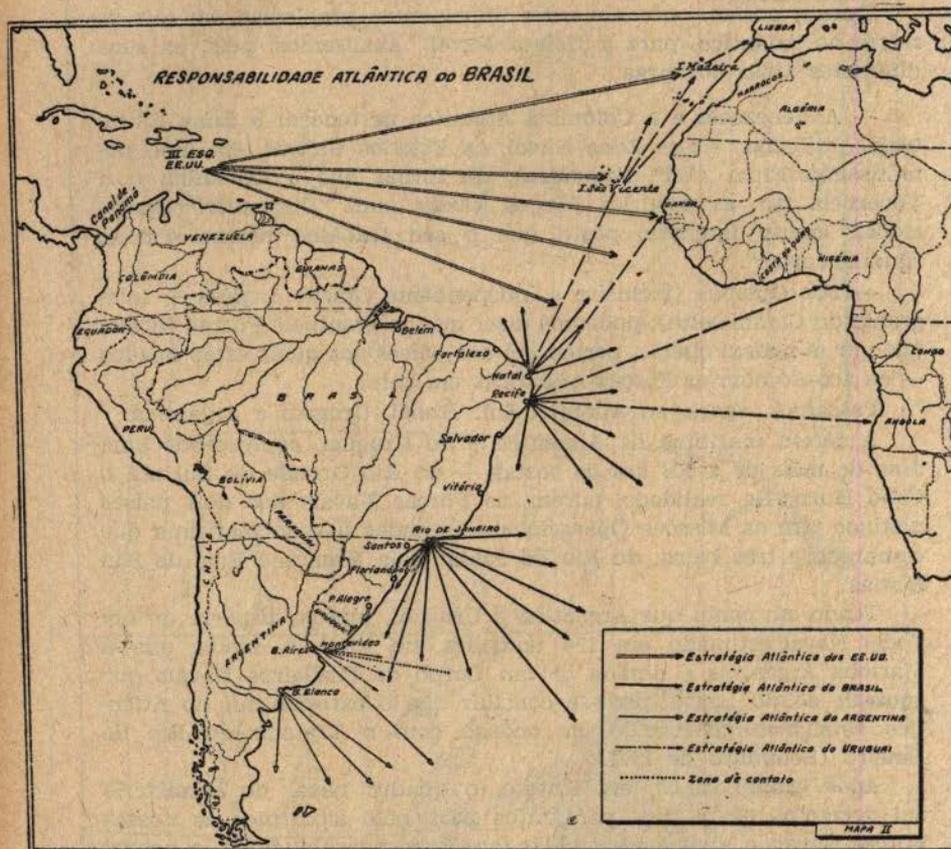
Marechal CASTELLO BRANCO

13-Dez-64 (Dia do Marinheiro)

Após os resumos históricos dos Corpos de Fuzileiros, das principais operações anfíbias das guerras do século XX e das considerações de ordem estratégica do Atlântico Sul, trataremos, agora, da necessária e imperiosa reorganização do C.F.N. do nosso País.

Preliminarmente, apresentamos a sua atual estrutura:

tativo da Marinha de Guerra do Brasil em todos os seus componentes operacionais, logísticos e administrativos, tornando-a apta à consecução da sua missão.



IV — Reorganização do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil

“Todo país forma as suas forças armadas na base de hipóteses de guerra, na conjuntura nacional e internacional, e na sua geografia.”

Marechal CASTELLO BRANCO

13-Dez-64 (Dia do Marinheiro)

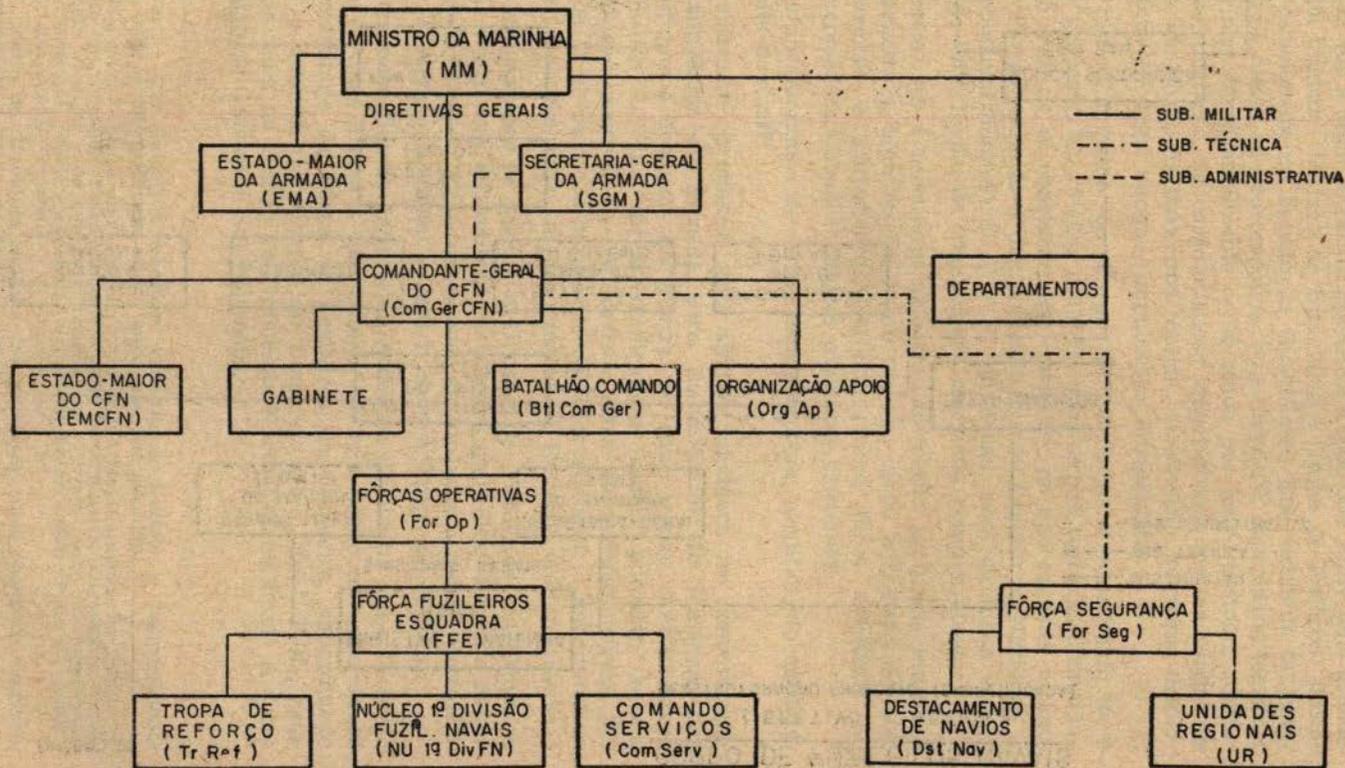
Após os resumos históricos dos Corpos de Fuzileiros, das principais operações anfíbias das guerras do século XX e das considerações de ordem estratégica do Atlântico Sul, trataremos, agora, da necessária e imperiosa reorganização do C.F.N. do nosso País.

Preliminarmente, apresentamos a sua atual estrutura:

CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

(EFETIVO = 10.000)

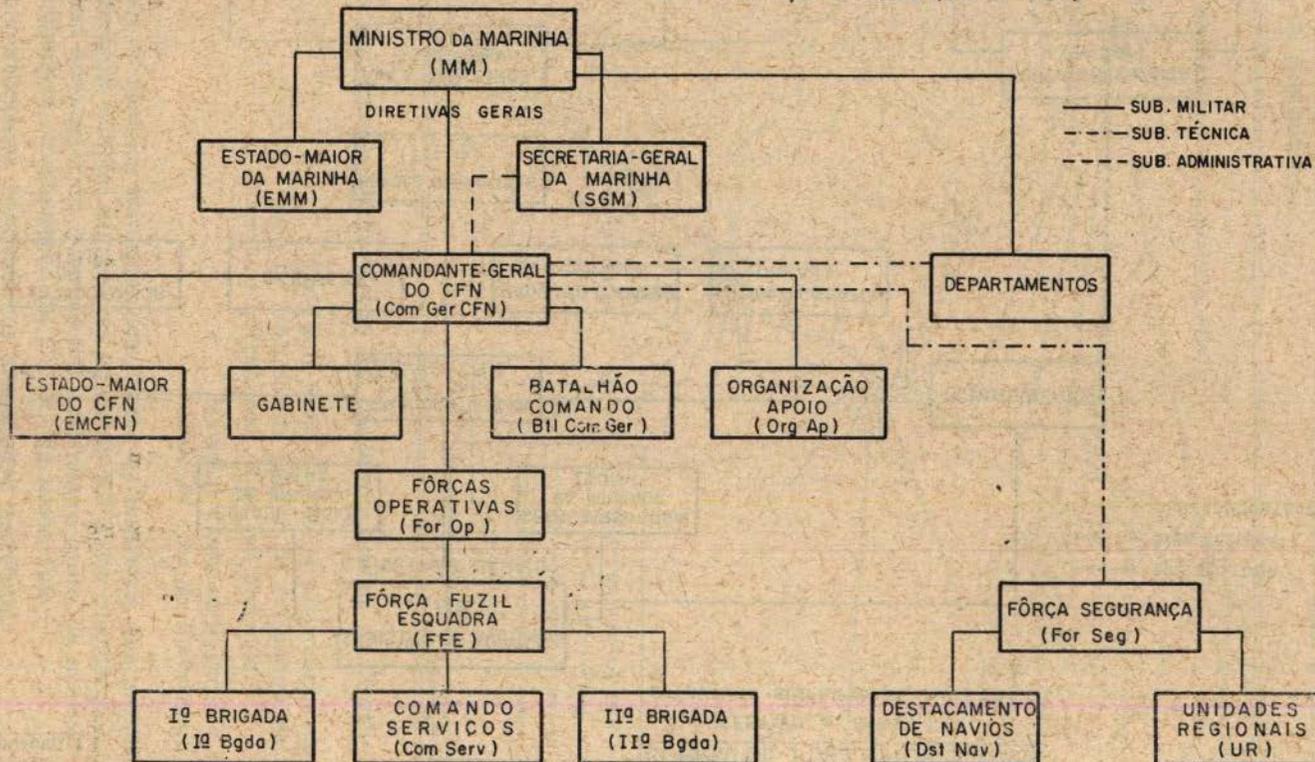
ESTRUTURA SIMPLIFICADA — 1967



CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

(EFETIVO = 45.000)

REESTRUTURAÇÃO PROPOSTA (SIMPLIFICADA)



Vê-se que a atual estrutura operativa é montada sôbre uma grande e pesada unidade (Divisão de Infantaria e Tropa de Refôrço) unicamente estacionada no Estado da Guanabara. Em realidade tal composição de meios não corresponde, pois excede, à capacidade logística da Marinha, tanto atualmente como ainda por longo período, contrapondo-se, portanto, às características imperativas para as forças de combate do Corpo de Fuzileiros Navais: mobilidade, surpresa, dispersão, poder de fogo, choque, impulsão e flexibilidade.

O efetivo humano do Corpo de Fuzileiros é constituído de 4 oficiais generais, 300 oficiais e 10.000 subalternos, aproximadamente. Como é fácil de se constatar, por qualquer um que entenda de modernas Forças Anfíbias e das necessidades da Segurança Nacional, o atual potencial humano do C.F.N. do Brasil, nem de longe está à altura de uma Nação da importância marítima como a nossa.

A nosso ver é necessária uma transformação profunda, tanto na sua estrutura e organização, como no que tange aos seus efetivos, equipamentos e armamentos, fazendo-o uma força adequada ao Brasil, considerando as condições objetivas existentes.

Que apresentamos de nôvo nesta estrutura, modificando substancialmente a atual?

Inicialmente, propomos uma simples mudança na denominação do Estado-Maior da Armada para Estado-Maior da Marinha, por entender que a evolução da guerra no mar trouxe outros novos componentes às suas forças tradicionais, sendo, portanto, aquela denominação passível de ser revista pelas autoridades navais. (A partir de 15 de março o Ministério da Guerra passou a denominar-se Ministério do Exército, em decorrência da Reforma Administrativa).

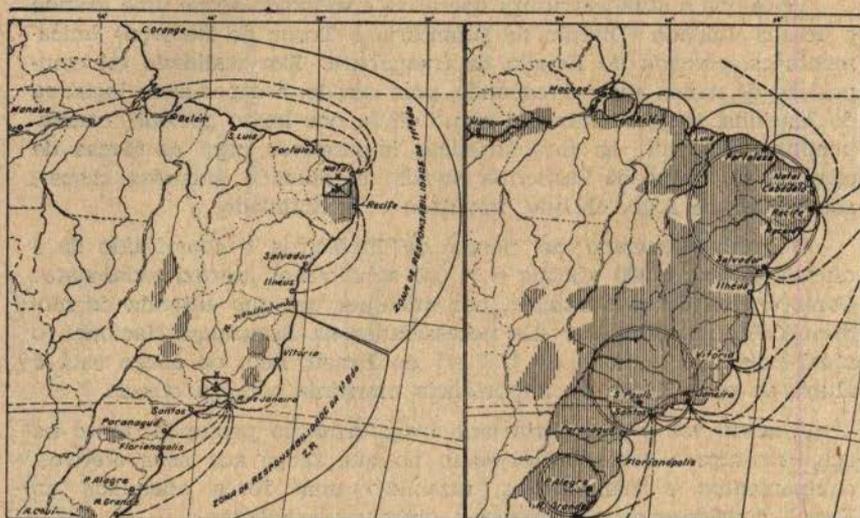
Reestruturamos, a seguir, a Divisão de Fuzileiros em Brigadas Anfíbias (*), forças de combate mais leves, mais flexíveis, com maior mobilidade, mais econômicas e estacionamo-las em pontos estratégicos do Território Nacional e desativamos a Tropa de Refôrço.

A responsabilidade estratégica Atlântica do Brasil exige — como mínimo — duas Brigadas com critério unitário, sob o comando direto do Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra, subordinado militar e administrativamente ao Comando Geral do C.F.N., estacionadas, uma no Centro de Gravidade Norte (Recife-Natal) e outra no Centro de Gravidade Sul (Guanabara). (**)

(*) N.R. — E fluvial! Lembramos Uruguaiana, Ladário e tantos lugares remotos, onde os FN poderiam estar. Amazônia, por exemplo!

(*) Brigada — Força nucleada em tórno de 3 (três) Batalhões de Infantaria, dotada de um Comando, Estado-Maior, Refôrço de Artilharia, Engenharia, carros de combate, serviços, com apoio de aviação, etc. Permite, pela sua organização (que não é rígida) grande coordenação e contróle destes meios. Pode ser comandada por um Oficial General.

(**) Centro de Gravidade — Foco dos interesses totais (políticos, econômicos, psico-sociais e militares) de uma região.



TEMPO DE DESLOCAMENTO

| | | | |
|-----------------------|---------------|------------|------------|
| RIO DE JANEIRO | Rio Grande | 155 milhas | - 2 d 10 h |
| | Porto Alegre | 900 " | - 3 d 1 h |
| | Florianópolis | 410 " | - 1 d 8 h |
| | Paranaguá | 370 " | - 1 d 2 h |
| | Santos | 210 " | - 16 h |
| | Vitória | 286 " | - 20 h |
| RECIFE | São Luís | 780 " | - 2 d 12 h |
| | Salvador | 890 " | - 1 d 7 h |
| | Ilhéus | 510 " | - 1 d 10 h |
| | Natal | 155 " | - 12 h |
| NATAL | Manaus | 1035 " | - 5 d 20 h |
| | Belém | 543 " | - 3 d |
| | Fortaleza | 282 " | - 21 h |

(VELOCIDADE = 15 nós/h) - (Tempo de estadia = Emb + Desch + Oubq)

Os dados acima indicam o tempo de deslocamento necessário para aplicação de uma Brigada (1500 homens) pelo mar; o mesmo nº de homens armados e equipados consumiria muito mais tempo e dinheiro por via aérea; a localização terrestre não é considerada por ausência de rotas viáveis e sujeitos a ação de revolucionários.

AREAS DE AGITAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

● Faixa de maior densidade da população (1 a mais hab/km²)

○ Grandes centros econômicos

— Rotas marítimas nacionais

— Rotas marítimas estrangeiras

● Centros políticos

A I^a Brigada terá a responsabilidade de atuar desde o Rio Jequitinhonha (Bahia) até o Arroio Chuí (Rio Grande do Sul) e a II desde o Rio Jequitinhonha até o Cabo Orange (Território do Amapá).

É evidente que o atual Quadro de Oficiais não permitiria importantes reformas e modernização.

As duas Brigadas deverão ter um efetivo de 7.500 homens, aproximadamente, cada uma; devendo as formações deste tipo estar em permanente estado de prontificação: rápido e eficiente emprêgo. É fácil a compreensão da indispensabilidade destas formações no Brasil.

A defesa do território brasileiro repousa, principalmente, sobre o nosso Exército, que possui fases de redução de efetivos e eficiência, em virtude do período de transição, baixas e incorporações da nossa juventude. Claro se torna que esta fase se alonga em decorrência da falta de instrução e adestramento dos novos incorporados, até um estágio de instrução que os qualificáramos como tropas prontas.

Com os Fuzileiros Navais não ocorre este ciclo (*), porquanto são profissionais e permanentes. O Governo Brasileiro disporia, assim, de uma força capaz de intervir imediatamente, em cumprimento dos imperativos da Segurança Nacional, em qualquer ponto do seu território, durante todo o tempo.

Sob o aspecto econômico ressaltamos que poderia implicar numa redução nos efetivos do Exército (**), — subalternos — nas unidades estacionadas na zona litorânea brasileira, cooperando, dessa forma, na fase desenvolvimentista que atravessamos, em que a juventude — 50% da população brasileira — anseia por cultura técnico-científica.

Frisamos que as Brigadas necessitariam de um efetivo aproximado de 7.500 homens cada. Obviamente, compreende-se a necessidade dos órgãos de apoio adequados: recrutamento, seleção, preparo geral, especializações técnicas, serviços e, mais, a salvaguarda dos órgãos, estabelecimentos e navios, chegando a um conjunto da ordem de 30.000 homens. Estes órgãos de apoio e segurança exigem contingentes de homens capazes. O valor das forças militares, no século XX, não é medido em homens e armas, e sim na sua capacidade em fazer uma guerra científico-tecnológica. Segundo o Padre Antônio Vieira: "o número faz a multidão, o valor e o exercício fazem o exército". Assim, propomos uma modificação da lei de fixação dos efetivos das Forças Armadas: 45.000 homens (graduados e praças) para o Corpo de Fuzileiros Navais.

Sabe-se que uma organização militar, face a pesquisas e estudos, carece de um quadro de oficiais da ordem de 1/10 da tropa para um funcionamento eficiente. Nesta linha de raciocínio chegaríamos ao limite mínimo de 4.500 oficiais, justificando, pois, um comando dessa envergadura à direção de um Almirante-de-Esquadra. Não desconhecemos as dificuldades que existem para a realização de um plano como este a curto prazo: falta de infra-estrutura e, principalmente, devido à conjuntura nacional.

Muitas soluções imediatas surgem e uma delas, entre outras, que os estudiosos de assuntos militares aconselham seria a convocação dos elementos da Reserva e dos conscritos. Como está é que não deve e não pode ficar!

A nação brasileira tem compromissos internacionais — OEA, ONU, tradições históricas — que exigem permanente responsabilidade naval de quase todo o Continente Sul. A orla marítima brasileira — Atlântica e Amazônica — é da ordem de 6.000 km, para efeitos estratégicos.

(*) O elemento humano — subalternos — do C.F.N. tem sua fonte no Nordeste brasileiro, onde as condições do mercado de trabalho, social e cultural, são deficientes.

(**) N.R. — O autor é responsável pelas más idéias. Todavia cabe assinalar que, para o cumprimento das missões do Exército, seus efetivos já estão aquém, e muito, de um mínimo aceitável. Seria como "despir um santo..."

A completa modernização do C.F.N. representa uma elevação do potencial das Forças Navais do nosso País. Ora, como poderia a Marinha do Brasil executar as tarefas decorrentes das suas missões, sem um eficiente Corpo de Fuzileiros Navais?

Finalmente, abordamos um assunto que não implica, aparentemente, numa alteração do valor militar operativo, como sucede com os anteriormente expostos. Trata-se de alterar, na nossa Marinha de Guerra, um componente diferenciador: o uniforme.

A análise das causas da actual situação e das conseqüências positivas que adviriam com a modificação, encoraja-nos a sugerir-la.

Pode-se afirmar que em tôdas as Marinhas do mundo, os Corpos de Fuzileiros Navais não nasceram juntos e, até que as guerras modernas viessem a dar valor militar operativo aos fuzileiros, eram os mesmos empregados, principalmente, como instrumentos de manutenção da ordem e da disciplina junto às guarnições dos navios em que embarcavam.

Como a sua aplicação não fôsse parte integrante das funções de bordo, foram uniformizados diferentemente para que entre êles e as guarnições de marujos houvesse, como a época exigia, uma diferenciação, senão uma dissociação.

Os marujos de outrora, como narram os historiadores, eram recrutados indiscriminadamente, sem que houvesse um processo selectivo. Com os fuzileiros, no entanto, era diferente. Impunha-se, a bordo, um elemento disciplinado e de confiança. Com o tempo os fuzileiros foram se integrando nos serviços de bordo e aplicados como elementos de abordagem e artilharia.

Verdade é que hoje o processo é outro. O marujo é um técnico, altamente especializado e disciplinado. Se as guerras do século XX não dessem nova dimensão aos fuzileiros navais, não se justificaria, modernamente, a manutenção desta diferenciação. Entretanto, as nações marítimas passaram a necessitar de Corpos de Fuzileiros Navais, com missões e tarefas sob sua inteira responsabilidade e que os caracterizam: Assim, justifica-se a necessidade de estimular-se o "espírito de corpo" sob novos conceitos e padrões. A justificativa e o método para a consecução do propósito — Integração Naval — serão examinados, a seguir, a luz do duplo fator: economia-uniforme.

A formação e o preparo dos oficiais (Armada, Fuzileiros e Intendentes) são numa mesma Escola e sob as mesmas condições. E o que sucede quando declarado Guarda-Marinhas?

Os Guarda-Marinhas Fuzileiros Navais inutilizam os seus uniformes de aspirantes, usados até então, e confeccionam tudo de novo. Tal não ocorre com os outros Quadros, pois, se enquadram no Regulamento de Uniformes para Oficiais. É um estado de coisas que se contrapõe a um dos estímulos básicos do homem — Economia.

Os uniformes de trânsito, jaquetão e branco dos oficiais e sargentos deveriam ser comuns, enquanto que os operativos diferenciados devido às suas missões. Quanto ao tradicional "garance", em decorrência do seu valor histórico seria conservado, não como propriedade do indivíduo, mas sim, como carga de uma unidade para tal destinada.

Os hinos, os símbolos e os uniformes são fatores concorrentes e formadores do chamado "espírito de corpo". Conservemos os hinos, que cantam as suas glórias e proclamam sua honra; os símbolos, que representam suas tradições; porém, reduzamos as diferenciações de uniformes, em benefício da economia pública e privada e, principalmente, pela integração dos "Espíritos de Corpos Navais".

V — Advertência

O desenvolvimento político-social da França na década de 1930/40 e o do nosso Brasil de 1954/64 têm muita semelhança.

A desgraça nacional da França — causada pela insensibilidade e pelo comodismo dos líderes políticos e militares franceses — pode nos servir de exemplo e estimular-nos a trabalhar como pretendia fazer, em 1934, o Ten-Cel De Gaulle.

Vejamos, em resumo, as históricas idéias de De Gaulle, anunciadas no famoso livro "L'Armée de Metier", publicado em 1934:

- 1) "Não podemos ter confiança nos atuais Dispositivos Estáticos (ou de lento e demorado emprêgo) para fazer frente a ataques rápidos que os inimigos da França estão preparando. O momento chegou de organizar um instrumento de manobra rápida, capaz de agir — sem tardar um só instante — e preparado, em permanência, para qualquer tipo de Operações Defensivas ou Ofensivas".
- 2) "Nos futuros conflitos, o país que dispuser — em Terra, no Mar e no Ar — de um pessoal especializado, dotado de um material extremamente eficiente e variado — êsse país terá uma superioridade esmagadora, no confronto de massas de homens armados lentos e confusos".
- 3) "O que necessitamos, urgentemente, é de um instrumento defensivo e repressivo assim formado: seis Divisões de Linha e uma Divisão Especial, totalmente motorizadas e, em parte, blindadas".

Assim falava De Gaulle, em 1934, aos homens políticos e aos chefes militares franceses. Mas, os políticos e os militares não escutaram os patrióticos pronunciamentos do futuro Presidente. Os dirigentes da França confiaram que a Linha Maginot resolveria muito bem o problema da defesa do País.

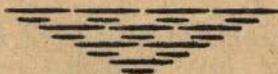
Mas, havia na Europa alguns políticos e militares que escutavam com grande atenção os pronunciamentos do veemente oficial francês: Hitler e seus mais "experts" auxiliares foram os leitores mais interessados dos escritos quase proféticos de De Gaulle.

Em 31 de Março de 1964 o povo brasileiro expressou a sua vontade, a sua determinação através as Forças Armadas. As origens, as raízes desta Revolução remontam ao longínquo 1797 — Inconfidência Mineira. De movimento em movimento, como subindo uma grande escada, e de permeio as revoluções efetivas, síntese dos movimentos anteriores, como patamares — 1822, 1889, 1930, 1964... numa busca incansável, obstinada, pelo bem-estar geral.

O Brasil é uma nação jovem, em desenvolvimento, que, apesar dos percalços, das quedas, logo se restabelece e avança. 1964 difere das outras Revoluções, pois, foi encontrado em seus filhos, nas Forças Armadas, autênticas lideranças que desta vez estavam preparados para o exercício do Poder. É uma grande oportunidade! Cumpre, agora, que façamos surgir das novas gerações — civis e militares — as lideranças verdadeiras: democráticas, nacionalistas, honestas e justas. "O primeiro dever da Democracia é compreender que deve submeter-se à direção dos mais capazes" (*). E, a renovação nacional dos quadros políticos já se faz sentir no novo Congresso.

A França necessitou da invasão de maio de 1940 para ressurgir; o Brasil da Revolução de 1964 para progredir. A Nação Brasileira espera, ansiosamente, que as novas lideranças, políticas e militares, pensem e ajam segundo Bismarck... "prefiro aprender com a experiência dos outros".

(*) Joseph Barthelemy — "La compétence dans la Démocratie" (pág. 255).



A DEFESA NACIONAL é a **sua** Revista
de estudos e debates profissionais. É a **sua**
tribuna.

MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES !